

LEITURAS DE "JANTANDO UM DEFUNTO"*

Leandro Antonio de Almeida
Mestrando em História Social - FFLCH/USP

Resumo

Este artigo analisa os três principais temas debatidos por escritores e pela crítica literários a partir de sua leitura do livro *Jantando um Defunto*, de João de Minas: o estilo do escritor, a descrição dos sertões na sua obra e as atrocidades cometidas pela Coluna Prestes.

Palavras-Chave

João de Minas • Crítica Literária • Coluna Prestes

Abstract

This article analyses three leading themes debated by writers and literary criticism about João de Minas' work *Jantando um Defunto*: his style, the hinterland descriptions in his work and cruelties done by Coluna Prestes.

Keywords

João de Minas • Literary criticism • Coluna Prestes

* Este artigo decorre da pesquisa de mestrado em andamento intitulada "Dos sertões desconhecidos às cidades de ponta cabeça: um estudo da obra de João de Minas", iniciado em 2005 sob orientação do Prof. Dr. Elias Thomé Saliba, ao qual agradeço imensamente por todo incentivo e ajuda prestada tanto na pesquisa em geral quanto na elaboração deste artigo. O mestrado, a partir de junho de 2006, conta com bolsa da FAPESP. Agradeço também à querida Thereza Olívia R. Soares, pela convivência, carinho, dedicação e estímulo intelectual e afetivo, fundamentais para a realização de qualquer trabalho acadêmico.

Introdução: *Jantando um Defunto* e seu entorno

Em março de 1927, com a chegada à Bolívia, tinha fim a longa marcha da Coluna Prestes. Enquanto isso, a marcha dos escritos sobre a Coluna já estava em andamento. Foram memórias, estudos, romances, crônicas etc., publicados pelos próprios integrantes da Coluna, por aqueles que os combateram, por seus simpatizantes e por seus opositores. Não raro esses escritos davam motivos para críticos e intelectuais versarem sobre o assunto, expondo seus pontos de vista. É a crítica feita a um desses escritos, ao livro *Jantando um Defunto* de João de Minas, que vamos analisar neste trabalho. Pretendemos entender neste artigo a recepção da obra por alguns críticos contemporâneos ao autor: saber quais categorias de análise ela colocou em movimento e de que modo isso foi feito, na tentativa de vislumbrar o caldo cultural de sua inserção, claro que tendo em vista a parcialidade em função do número reduzido de fontes disponíveis.

João de Minas era o pseudônimo utilizado pelo jornalista Ariosto Palombo para assinar seus artigos e livros. Nasceu em Ouro Preto por volta de 1896, e já a partir de 1915, em Belo Horizonte, era revisor de *O Minas Gerais*, diário oficial da capital mineira. Em 1920, mudou-se para Uberaba onde, além de prestar serviços como advogado, teve uma colaboração constante no *Lavoura e Comércio* até o final da década. A partir de julho 1927 passou a colaborar dominicalmente para o carioca *O Paiz*, jornal de orientação governista que circulava no Rio de Janeiro, enviando seus artigos de Uberaba. No ano de 1929, por volta de março, lança seu primeiro livro *Jantando um Defunto*; em setembro, foi a vez de o jornal paulista *O Correio Paulistano* passar a receber os seus textos. Politicamente João de Minas era a favorável ao PRP no mandato de Washington Luís (1926-1930) e manteve-se ao seu lado enquanto durou seu governo. João de Minas, nesse mesmo ano de 29, fez campanha ao lado dos paulistas para as eleições presidenciais de 1930, como membro da Concentração Conservadora, partido político mineiro que rompeu com o presidente Antonio Carlos e com o PRM quando se formou a Aliança Liberal pró-Getúlio. Talvez em função disso ganhou uma editoria política no jornal *O Paiz*, e mudou-se para o Rio de Janeiro em 30, lançando mais dois outros livros intitulados *Farras com o Demônio* e *Sangue de Ilusões*, todos reunindo textos também publicados no *O Paiz*. O primeiro trata de viagens sertanistas ao Araguaia e interior de Goiás, onde aparece com figuras ligadas ao PRP nessas localidades; o segundo reúne artigos contra Antonio Carlos e Getúlio em torno das eleições de 1930. Com o movimento de outubro que destituiu Washington Luís, João de Minas fugiu para Uberaba e daí para a Argentina.

Retornando do seu curto exílio, estabeleceu-se em São Paulo, primeiramente no interior em 1932, nas cidades de Franca e Araraquara, para no ano seguinte vir para a capital, onde aparece em junho como secretário de gabinete de seu amigo Dirlemando de Assis, então secretário de Viação e Obras Públicas da interventoria de Waldomiro de Lima. Colaborou por dois meses no *Jornal do Estado*, o diário oficial, até o fim da administração de Waldomiro, em agosto. A partir daí deu uma nova orientação em sua carreira, dedicando-se mais à literatura. Procurou recuperar seus escritos sertanistas, mixando e reeditando seus dois primeiros livros sob os títulos *Mulheres e Monstros* (1933) e *Pelas Terras Perdidas* (1934), e lançando um novo, *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* (1934). Mas o forte de sua produção dessa fase foram os livros urbanos da coleção “Revolução Sexual Brasileira”, inspirados em Benjamin Costallat, cujos títulos revelam o teor: *A Datilógrafa Loura* (1934), *A Mulher Carioca aos 22 Anos* (1934), *Uma Mulher...Mulher!* (1934), *Fêmeas e Santas* (1935) e *A Prostituta do Céu* (1935). Em 1936 adentra o gênero policial, publicando *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*. Despede-se da literatura com uma segunda edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, em 1937, pois, a partir de 1935, estabelece uma seita religiosa, a Igreja Brasileira Cristã Científica, com doutrina eclética de matiz nacionalista fundada no catolicismo popular, no espiritismo, na umbanda e no esoterismo. Adotando um novo pseudônimo, o Mahatma Patiala, sua atividade na igreja ocupou seus esforços até pelo menos 1969 (quando temos os últimos registros sobre a seita) e produziu quatro edições de uma bíblia, cujo primeiro volume lançado em 1957 intitula-se *A Vida Começa na Ciência Divina*. João de Minas morre em Boituva em janeiro de 1984. Tendo uma vida cheia de reorientações, o livro do qual vamos tratar faz parte de um momento de militância ativa do autor junto ao PRP em finais da década de 20.¹

Jantando um Defunto, de 1929, sua primeira obra lançada em livro, reúne quatorze crônicas publicadas entre 1927 e 1928 em *O Paiz*. A tiragem inicial, lançada pela editora do próprio jornal, foi de 5000 exemplares, número

¹ Os dois parágrafos sobre a vida de João de Minas foram baseados em ALMEDA, Leandro Antonio de. “Sangue de Ilusões de João de Minas: Um livro esquecido de um autor obscuro”. *Revista da ASBRAP*, nº 12, 2006, pp. 47-54; FREIRE FILHO, Aderbal. “Quem é Esse Cara?” In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 211-266; SEIXAS SOBRINHO, J. “Sessenta anos depois tarefeiro da imprensa chega ao estrelato”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 2, 04/01/1991, p. 8-9

relativamente alto para a época.² A maioria das crônicas tem como tema principal os supostos horrores cometidos pela Coluna Prestes em suas andanças pelos sertões de Goiás e Mato Grosso, presenciados pelo autor em suas viagens ou relatados por habitantes dessas localidades. Logo no prefácio do livro o autor insiste na veracidade das narrativas, na tentativa de convencer o leitor de seus propósitos. Talvez porque muitas das atrocidades – assassinatos com requintes de crueldade (como queimar ou enterrar alguém vivo, degola etc.), estupros, extorções, espancamentos etc. – são descritas com exagero tendendo para o grotesco e, também, para o inverossímil. Ao tratar dos “revolucionários”, seja da postura destes frente às populações locais ou dos combates contra tropas legalistas, o grotesco da escrita costuma vir acompanhado de toques humorísticos que também visam desqualificar os soldados prestistas. A utilização de ambos os recursos pretende apresentar os integrantes da Coluna Prestes como o pior tipo de gente que apareceu sobre a face da Terra.

A narração da atuação de Prestes e seus companheiros, todavia, não é feita de forma direta. O autor costuma conjugar numa mesma narrativa os eventos relativos à Coluna com outros elementos literários, como descrições das paisagens naturais, conversas com sertanejos que lhe dão informações sobre Prestes, viagens pelo sertão, chegada do narrador a fazendas e povoados, presença do sobrenatural etc. Tal como o tema central do livro, esses elementos literários têm bastante importância para caracterizar o estilo do autor ao evidenciar uma preocupação em tratar das regiões e populações sertanejas do Brasil central, tendência que vai se aguçiar em outras obras de João de Minas. Assim, em algumas crônicas o foco é a passagem da Coluna sobre povoados ou fazendas; em outras o foco é a estadia ou passagem de João de Minas nesses mesmos locais, com referências curtas ou indiretas aos soldados de Prestes. Apenas em duas das crônicas estes nem são mencionados por objetivarem apenas o retrato do sertão. Todavia, no geral, o sentido primordial é desqualificar a Coluna Prestes.

Até o presente momento da nossa pesquisa, verificamos que esse é o livro de João de Minas que a imprensa mais deu notícia e discutiu. Os textos aqui

² No livro *Farras com o Demônio*, os editores afirmam que essa tiragem inicial logo se esgotou, e que se preparava outra edição de luxo, corrigida e aumentada, de mais 5000 exemplares. Não encontramos informações nem exemplares dessa 2ª edição do livro. MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXXII.

analisados, aqueles que conseguimos localizar em nossa busca, foram publicados ao longo do ano de 1929 em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, exceto a carta de Veiga Miranda, escrita no ano seguinte. Quanto aos articulistas, escreveram sobre a obra acadêmicos como Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro e Coelho Neto; críticos que colaboravam em jornais onde João de Minas também colaborava, como Menotti Del Picchia, Veiga Miranda, Carlos Dias Fernandes e Lauro Fontoura; e, isolado, Plínio Barreto, articulista de *O Estado de S. Paulo*.

O artigo mais extenso de todos e aquele que, pelo teor dos elogios a João de Minas, provavelmente motivou vários outros intelectuais a tomarem contato com a obra *Jantando um Defunto*, foi escrito por Humberto de Campos. Num artigo intitulado “Um Bárbaro”, o crítico do *Correio da Manhã* aborda principalmente três assuntos, em torno dos quais toda a crítica sobre o livro de João de Minas ficou situada: o estilo literário do autor, a descrição do sertão e a Coluna Prestes. Isso não significa que os escritores tratassem necessariamente dos três temas em seus artigos. Concentraram-se por vezes em dois ou apenas em um tópico, mas deles não escaparam. Por isso, também é em torno dos mesmos assuntos que conduziremos nossa análise.

Um Estilo que vem do Mato

O estilo de João de Minas é elogiado por todos os autores estudados.

A ruptura com os padrões estilísticos clássicos é um traço apontado pela crítica ao livro. Para Coelho Neto, “o estilo não se ressentiu de modelo algum”,³ fato antes apontado por Humberto de Campos e que o leva a associar aos povos que invadiram Roma, pois

O sr. João de Minas é um desses bárbaros da nova invasão. Descendo das altas sertanias brasileiras, não o deslumbram as maravilhas artificiais das nossas letras. A sua concepção de arte, não sendo tão radical como a de alguns inovadores, é diferente da concepção clássica, tradicional, vigorante antes da guerra. E essa arte nova, como ele a faz, alarma,

³ NETO, Coelho. “Carta a João de Minas”. In: MINAS, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIX.

desafia censuras, provoca reparos, mas interessa, encanta e, não raro, deslumbra quem a examina sem prevenções.⁴

O estilo se caracteriza, segundo os críticos, pela liberdade no uso da linguagem, sem fórmulas clássicas, e pelo colorido com que são representados os eventos, paisagens e personagens. Humberto de Campos, quando compara seu estilo com Euclides da Cunha, diz que

João de Minas é menos matemático que o seu grande precursor. Em vez da linha geométrica, usa a tinta, a cor, o elemento que impressiona a imaginação de modo mais vivo, embora mais superficial. (...) ele não desenha, não trabalha as suas figuras, as suas cenas, as suas paisagens: atira de encontro à tela quatro borrões de tintas violentas, pincela-as rápido, sem misturá-las, e aparece de pronto um retrato humano que se não esquece mais (...)⁵

O colorido ora tenderia ao lirismo, ora ao realismo grotesco, dependendo da finalidade de João de Minas. Menotti Del Picchia expressa essa duplicidade ao dizer que “o embate do seu lirismo com seu controle aparente cético, a batalha de sua sentimentalidade invencível com seu sentido positivo e guerreiro da vida são os fatores máximos do interesse que despertam sua prosa”⁶. Lauro Fontoura trata da questão de forma semelhante ao apontar-lhe a “desunidade” como traço central do estilo, caracterizado como “ondulante”⁷.

Mas de onde viria o estilo colorido, considerado tão original? Nas palavras de Menotti Del Picchia, “é um estilo que vem do mato”⁸. Para Coelho Neto,

⁴ CAMPOS, Humberto. “Um Bárbaro”. *Crítica (Primeira Série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1945, p. 367. Esse elogio de um estilo original, novo, também está presente em Medeiros e Albuquerque, Carlos Dias Fernandes e Veiga Miranda.

⁵ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op. cit.*, p. 369

⁶ PICCHIA, Menotti del. “Sobre um livro de João de Minas”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 22/10/1929, p. 1. A seguir, complementa: “Ora é macio e plástico como a argila; a nota lírica o poetiza e esgarça em finuras emotivas. Ora é maço, duro, cortante, pronto para a polêmica.”

⁷ FONTOURA, Lauro. “Jantando um Defunto: O rio das Agonias”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30/05/1929, p. 2.

⁸ PICCHIA, Menotti del. *Op. Cit* nota 5, p. 1.

“as próprias tintas, com que são coloridas as paisagens e reproduzidos os efeitos de luz, parecem extraídas da nossa natureza, tão novas são elas, e tão vivas, sem iguais em outros painéis”⁹. O mesmo é dito também por Humberto de Campos, Carlos Dias Fernandes e Veiga Miranda.

Logo, o estilo de João de Minas seria oriundo de sua vivência nos sertões brasileiros, da “íntima convivência com o sertanejo”, daí sua novidade. É como se a natureza o impregnasse. Veiga Miranda o elogia por isso ao dizer que

Não posso conter um sorriso de ceticismo e desdém quando vejo certos rapazolas das cidades (...) arrepiarem-se em nome da brasilidade, declarando belezas de um sertão que nunca viram, fantasiando façanhas de pobres caboclos de presepe, armando cenários incongruentes como incongruente é a linguagem atribuída aos inverossímeis Heróis (...) Compare-se esse triste acervo de Brasilidade afetada com a pujança varonil de coisas realmente sentidas, vistas realmente, como as que saíram de sua pena! O estilo de que você se serve se amolda ao assunto por uma necessidade indeclinável.¹⁰

Daí as comparações com Euclides da Cunha. O tema do sertão seria o mesmo em ambos, mas enquanto que o autor dos Sertões empregaria um estilo clássico, oriundo de sua formação de engenheiro, o estilo de João de Minas teria suas raízes nas profundezas do Brasil. Isso justificaria a expressão empregada por Humberto de Campos com um sentido positivo: um bárbaro. Menotti Del Picchia também assume essa perspectiva ao dizer que “o Brasil – alma cabocla, paisagem, sentimentos do povo – vive nas pupilas e na intuição do jovem belletrista. O Brasil caracteriza sua prosa, dando-lhe um sabor acre e bárbaro oriundo do feitiço da nossa terra e ingenuidade e inteligência do nosso povo”¹¹.

Assim, a crítica ao livro *Jantando um defunto* se inseria no fogo cruzado dos debates sobre o estilo literário na década de 20, mais especificamente sobre a ruptura com a linguagem “passadista” e o quanto essa nova linguagem seria representativa da brasilidade.

⁹ NETO. “Carta a João de Minas”, *op. cit.*, p. XXIX

¹⁰ MIRANDA, Veiga. “Duas Galerias de Assombros: Carta de Veiga Miranda a João de Minas”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13/08/1930, p. 2

¹¹ PICCHIA. “Sobre um Livro de João de Minas”, *op. cit.*, p. 1.

Boa parte dos escritores aqui tratados, como Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Coelho Neto, faziam parte de um grupo vinculado à Academia Brasileira de Letras cuja estética o modernismo da Semana de 22 taxava de passadista e europeizante. Considerando a si mesmos inovadores, o que significava constituir um marco fundador da arte e da cultura brasileira, os escritores paulistas vinculados ao modernismo de 22 opunham aos acadêmicos uma linguagem artística inspirada nas vanguardas modernistas européias, sintonizadas ao novo tempo e capazes de elevar a cultura brasileira ao *status* que tinham as nações consideradas mais desenvolvidas.¹² Após 1924, esse movimento se desdobrou em várias vertentes – a de Oswald, a de Mário e o grupo Verde-Amarelo –, todas preocupadas em buscar uma estética tipicamente nacional e popular, capaz de expressar corretamente a “brasilidade” da nação.¹³ Daí provinha a opinião de Menotti Del Picchia sobre o livro *Jantando um Defunto*.

É interessante notar como o estilo de João de Minas foi visto como uma alternativa ao radicalismo de alguns modernistas, aos quais são feitas referências nos trechos acima citados de Humberto de Campos e Veiga Miranda. Os artigos dos críticos apontam a inovação estilística do escritor mineiro como produto de uma construção cujas raízes estariam lançadas no solo autêntico do Brasil, por isso ausente tanto dos estilos importados quanto de um radicalismo literário extremado.¹⁴ Logo, um estilo brasileiro; portanto, legítimo.

Com isso perguntamos, tendo ciência que a resposta não pode ser elucidada nos limites deste artigo e demandaria um estudo mais aprofundado de cada crítico: estariam esses escritores, em meio aos debates e ataques sofridos, ao tratarem da renovação estilística e seu caráter nacional, em busca de alguém

¹² LAFETÁ, João Luis Machado. *1930: A crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 45-46. Ver também sobre essa tradição as páginas 31-32; MORAIS, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista: Sua dimensão Filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; *idem*. *Modernismo Revisitado. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238; MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, v. 6 (1915-1933).

¹³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 299 e ss.; MORAIS. “A Brasilidade Modernista”, *op. cit.*; FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1945)*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 306-310.

¹⁴ João de Minas tinha uma posição semelhante. Ver MINAS, João de. “A Velha Arte Nova”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 07/10/1928, p. 1 e 6. Nesse artigo é feita uma crítica do modernismo da semana de 22.

que os representasse, nos termos dos novos tempos? Teriam vislumbrado em João de Minas alguém que poderia preencher essa condição, a de manter e renovar uma tradição literária aceita por esses escritores “passadistas”? De modo concreto, vejamos como Humberto de Campos, no início de seu artigo sobre o escritor mineiro, coloca a questão:

As ligeiras considerações que, ao tratar de uma das últimas obras do sr. Coelho Neto, expedi sobre a evolução do estilo na prosa brasileira¹⁵, encontram agora no antigo jornalista que tomou na vida e nas letras do sertão o nome de João de Minas, a sua mais viva justificação. Esse escritor, que agora estréia em livro com um volume bizarro, apresenta, de mistura, integralmente, os defeitos e qualidades da nova orientação literária. Nele se encontram todas as características da tendência individualista do tempo: o desprezo pelas regras tradicionais da linguagem, a indiferença pelos moldes clássicos da idéia e o propósito de quebrá-los; mas, também, em compensação, maior elasticidade da frase, e umas tintas novas, umas pinceladas vigorosas, um novo modo, enfim, de pintar as coisas vistas (...).¹⁶

¹⁵ O artigo refere-se ao livro “Bazar”, de Coelho Neto, lançado em 1928. Ver CAMPOS, Humberto. “O Sr. Coelho Neto e o Seu Estilo”. *Crítica (Primeira Série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1945, pp. 285-300. A primeira parte do artigo é basicamente uma defesa de Coelho Neto dos ataques dos modernistas: “(...) o que o sr. Coelho Neto é, em suma, é o último romântico. (...) é contra essa perseverança, parece, que se voltam os girondinos da arte, agredindo-o e, não raro, insultando-o.” (p. 287). Humberto de Campos parte do ponto de vista das escolas literárias para explicar tal ataque, mesmo que propondo que fosse feita com bons modos: “Esse conflito de atitudes não é, todavia, original e, por isso, estranhável. Não foi o primeiro nem será o último. O que os românticos fizeram aos clássicos e os simbolistas e os naturalistas aos românticos, fazem os modernistas agora, aos remanescentes de todos eles. Amanhã, chegará aos agressores de hoje a vez de serem combatidos. O que se requer, apenas, é que a luta se trave entre cavalheiros, mantendo cada um, durante as justas, certo cunho de elegância” (p. 289). Além disso, aproveita para historicizar o surgimento do modernismo: “A criação de uma nova técnica da linguagem vinha sendo prevista desde o princípio do século. Com a guerra de 1914 ou sem a guerra, que abalou e modificou os alicerces do mundo, a tentativa teria sido feita. A conflagração precipitou, porém, o movimento, agravando-lhe as conseqüências, e tornando-o radical. O que se pretendia fazer por evolução, está se levando a efeito por uma revolução.” (p. 289-290). Coelho Neto foi um importante defensor da Academia Brasileira de Letras quando esta recebeu um ataque na conferência de Graça Aranha em 1924, ao qual se vinculou os jovens modernistas de 1922. Isso lhe valeu a pecha por parte dos modernistas, generalizada para a Academia como um todo, de representante de uma estética passadista e europeizante que deveria ser combatida. Uma análise da polêmica na Academia se encontra em EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade: Uma análise da Academia Brasileira de Letras nos Primeiros Anos da República (1897-1924)*. Mestrado em Antropologia Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1997, pp. 250-258.

¹⁶ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 365.

Os estimulantes sertões da terra brasileira

Por ser considerado oriundo do sertão, um dos temas importantes do livro, o estilo de João de Minas seria o mais adequado para descrevê-lo. São elogiadas por Humberto de Campos, Veiga Miranda, Menotti Del Picchia e Carlos Dias Fernandes, as descrições que João de Minas faz das paisagens naturais, carregando-as de cores e de misticismo. Carlos Dias Fernandes ressalta na obra de João de Minas a descrição da

(...) magestosa pintura da paisagem rural, a auscultação interpretativa das vozes da natureza, do firmamento e da terra, com seus enigmas luminosos, tubilhonando no vácuo infinito e as suas formas animadas de vida animal e vegetal concentrando nos tecidos orgânicos a imensa harmonia e o insequetravel mistério do Cosmos.¹⁷

Os autores explicam a presença das cores e do misticismo na vida do sertanejo e, conseqüentemente, na prosa de João de Minas, do seguinte modo: a solidão dos sertões seria propícia para o desenvolvimento da imaginação, levando os habitantes e viajantes nessas paragens a povoá-la com seres fantásticos. Humberto de Campos coloca que

cansado de estar só, o homem pedia à ilusão graça mentirosa das coisas vivas. Isso, explica, talvez, o espírito criador do sertanejo. Ele está crente de que as suas florestas são povoadas de seres monstruosos. De toda a parte surgem, no seu caminho, os fantasmas, os duendes, as entidades sobrenaturais. (...) O horror da solidão faz com que ele povoe de sombras o seu Deserto. E é esse mundo de espantos que o sr. João de Minas nos revela.¹⁸

e, juntamente com as “descrições shakespearianas”, aponta o uso da linguagem abstrata como pertinente à descrição desses lugares, pois

¹⁷ FERNANDES, Carlos Dias. “Autores e Livros”. In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIX.

¹⁸ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 375. O mesmo argumento é desenvolvido de forma semelhante no texto de Menotti del Picchia e de Lauro Fontoura.

quem quiser ter uma idéia da vida, de movimento, de que o mundo não foi atacado subitamente de paralisia, tem que recorrer não aos olhos, mas à imaginação. Para transmitir ao leitor uma noção dessas coisas incorpóreas que lhe surgem, criações vagas dos sentidos, recorre o prosador a um vocabulário abstrato, como se as palavras concretas pudessem magoar as pétalas imponderáveis dessas camélias desabrochadas no espírito.¹⁹

Carlos Dias Fernandes ressalta outro ponto que ele considera uma qualidade na obra de João de Minas: o acento dado às personagens “matutas”, os “desenhos dessas curiosas figuras nossas”,²⁰ e não apenas aos soldados prestistas. Junto com as descrições das paisagens, essas descrições teriam feito o crítico de *O Paiz* ascender “arreatado e aturcido, nas asas de João de Minas”. Carlos Dias Fernandes é o único a mencionar o elemento humano na obra de João de Minas, mas quando o faz é para acentuar-lhes o seu caráter exótico; nos outros críticos não temos menção a ele.

Assim, os textos da crítica associam o sertão ao deserto, como mostram as várias palavras que o caracterizam: vazio, solidão, silêncio etc. Esse deserto não é vislumbrado como antagônico ao homem, desafiando sua sobrevivência, mas aos sentidos, à racionalidade ordenadora e dessacralizada do mundo. O perigo maior seria a angústia do indivíduo solitário frente à imensidão exuberante da paisagem, que exigiria o elemento imaginativo para se adaptar. Essa imaginação, que nos sertões tornaria a realidade viva mas fluida, sem formas fixas, é elogiada no autor, como evidenciam as freqüentes citações feitas pelos críticos das descrições das paisagens no livro *Jantando um Defunto*. Para esses escritores, a qualidade das descrições das paisagens feitas por João de Minas repousaria no fato de serem feitas não literalmente – como se esperaria de uma descrição naturalista – mas metaforicamente, figura capaz de dar conta dos efeitos desses lugares sobre a psique humana, daí sua autenticidade e adequação.

Notamos também como a ênfase no cerne da brasilidade é colocada mais sobre a paisagem que sobre o elemento humano que habita esses locais. Na verdade, como vimos acima, os autores consideram que os costumes do sertanejo e suas projeções adviriam de sua relação com as paragens solitárias do

¹⁹ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 371-372.

²⁰ FERNANDES. *Autores e Livros.*, *op. cit.*, p. XXIX.

interior. Isso soa um pouco naturalista, mas no nosso caso têm uma importante implicação: os críticos consideram possível que João de Minas estivesse impregnado de “brasilidade” com o prolongado contato com os sertões do interior, mesmo que aprendendo sobre eles com o sertanejo. Com isso, ele estaria habilitado a fazer, através de sua escrita, a mediação direta com a fonte geratriz de brasilidade. Isso dispensaria a mediação daquele elemento humano habitante dessas regiões e explicaria a pouca ou nenhuma menção dos “matutos” nos textos dos críticos, à exceção de Carlos Dias Fernandes e, menos, em Menotti Del Picchia. Este, por sinal, diz que “Não se pode ser brasileiro ou russo sem ser místico (...) João de Minas sente o misticismo da raça complexa diante da terra nova. O primeiro habitante do chão intangido e misterioso é a divindade local. (...) Ela existe, porque sai da cabeça do desbravador”.²¹

A empolgação dos críticos com a descrição dessas regiões não é casual: após o final da Primeira Grande Guerra, o tema do nacional entrou na ordem do dia, e sua abordagem se tornou mais e mais presente nas décadas de 1920 e 1930. Buscou-se com avidez, principalmente após 1924, aquilo que era “autenticamente nacional”, que caracterizasse o país de forma particular frente às outras nações do globo, e que estaria escondido pela alienação provocada pelos ideais europeizantes. Wilson Martins refere-se à alta do nacionalismo por volta de 1919 do seguinte modo: “o que importava acima de tudo era ‘conhecer o Brasil’, e conhecê-lo de primeira mão”.²² Esse ideal se manteve o mesmo nos dez anos seguintes, e com suas lentes os críticos leram *Jantando um Defunto*. Fecharam o livro confirmando para si próprios que a essência desse Brasil desconhecido repousa justamente nas regiões descritas por João de Minas.

Combates em torno do “sangue derramado” pela Coluna

Também concordam os críticos que o estilo do autor se adequa ao principal assunto de suas crônicas: os horrores cometidos pela Coluna Prestes. O realismo grotesco desagrada Menotti Del Picchia porque ele considera que o estilo, na obra, está a serviço de um tema político, pois “é tendencioso. Visa um fim e tudo que cheira a tese faz murchar a espontaneidade e a franqueza de um estilo e a força criadora de um artista”.²³ João Ribeiro observa que “a naturalidade

²¹ PICCHIA. “Sobre um Livro de João de Minas”, *op.cit.*, p. 1

do estilo quase faz passar por verdadeiras e verossímeis as cenas e os quadros horripilantes que descreve”.²⁴

Ao contrário do relativo consenso sobre a originalidade do estilo e o tema dos sertões, na discussão sobre a Coluna a polêmica se instala, ficando ao sabor da posição política de cada crítico.

Há aqueles, como Carlos Dias Fernandes, Lauro Fontoura, Medeiros e Albuquerque e Veiga Miranda que aderem integralmente ao argumento de João de Minas. Por isso tomam os relatos de João de Minas como fatos verdadeiros de uma testemunha ocular ou, como nas palavras de Medeiros e Albuquerque, “sente-se que o autor viu, assistiu, seguiu de perto os fatos. Não inventa: conta. Não fantasia: desdobra os fatos aos nossos olhos”.²⁵

Estabelecida a probidade e imparcialidade do autor, o próprio desenrolar dos eventos evidenciaria, para eles, o caráter criminoso da Coluna. Por exemplo, Veiga Miranda coloca que

os episódios cruéis que você [João de Minas] soube tão empolgantemente evocar (...) constituem motivos para execração eterna daqueles inqualificáveis compatriotas nossos, que elvaram a cegueira do ódio partidário (senão o delírio das ambições pessoais) ao horrível extremo de sacrificar populações inocentes, desrespeitando lares, pilhando bens

²² MARTINS. “História da Inteligência Brasileira”, *op.cit.*, p. 149. Ver também as noções de imperativo nacional e realismo na cultura e na política em PECAULT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990, p. 41-43, 46 e ss.

²³ PICCHIA. “Sobre um Livro de João de Minas”, *op.cit.*, p. 1. João de Minas publica uma carta aberta ao autor, no jornal o *Correio Paulistano*, na qual responde a essa objeção de Menotti. Nela diz que “sendo o meu livro um libello, a sua base deve ser a verdade, e não a arte. Eu caprichei naquela. Você, Menotti, é também um político, um parlamentar de raro descortino. E concordará em que o fim do meu livro não é ‘tendencioso’. O fim dele, partindo de verdades, tanto mais verdadeiras quanto flagrantes e cruas, é patriótico.” MINAS, João. “Carta Aberta a Menotti Del Picchia”, *Correio Paulistano*, 29/10/1929, p. 2.

²⁴ RIBEIRO, João. “Cronica Literária” In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXIV.

²⁵ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. “Notas Literárias”. In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, p. XXV. As palavras de Veiga Miranda evocam algo parecido: “O seu livro não era um panfleto político que se pudesse acoimar de suspeição. Era o testemunho ocular de um cidadão alheio às paixões do momento (...)”. MIRANDA. “Duas Galerias de Assombros”, *op.cit.*, p. 2.

a pobres criaturas pacatíssimas, ultrajando a sua honra pela forma mais dolorosa a honestas e conceituadas famílias.²⁶

Esse tipo de juízo frequentemente vem acompanhado com citações de trechos de assassinatos descritos por João de Minas no livro. Além das atrocidades, é ressaltada a exploração da ignorância e credulidade do sertanejo para “fins revolucionários”, como ocorre no episódio de Santa Dica. Após resumí-lo, Carlos Dias Fernandes arremata: “Esses criminosos ‘libertadores’ de indústria não se corriam de explorar ignobilmente a ignorância e o messianismo dessa infeliz histórica”.²⁷

Assumida a veracidade de todos os fatos, o livro *Jantando um Defunto* teria o mérito de desmentir os relatos que circulavam na época de feitos heróicos atribuídos ao “Cavaleiro da Esperança”. Veiga Miranda se irrita ante os clamores de heroísmo a ele atribuídos, e Medeiros e Albuquerque valoriza às narrativas de João de Minas por revelarem os crimes perpetuados por Prestes, “a quem tantos levantam hinos de louvor e a quem não falta quem considera um redentor magnífico para as misérias nacionais”.²⁸

O heroísmo atribuído à Coluna não é bem visto também por Humberto de Campos e por João Ribeiro. Não são simpáticos ao movimento. Humberto de Campos condena a guerra do movimento e a exploração das populações sertanejas perpetradas pela Coluna durante a “guerra civil”,²⁹ enquanto João Ribeiro considera o movimento uma simples rebelião, oriunda “do doloroso equívoco ou da descabida pretensão de burlar os nossos vícios políticos por meio de ex-cranda reação ainda mais viciosa e ilegítima”.³⁰

Neles, todavia, temos a centelha da dúvida em relação à veracidade das narrativas de João de Minas. Ela é menor em Humberto de Campos, pois ele acredita que “nos seus relatos, haja muita fantasia, apesar da afirmação em contrário, que faz no prefácio. Faltam-me, entretanto, elementos para contestar a veracidade de tudo que ele nos conta”.³¹ À carência de provas ele acrescenta

²⁶ MIRANDA. *Duas Galerias de Assombros*, *op.cit.*, p. 2.

²⁷ FERNANDES. *Autores e Livros*, *op.cit.*, p. XXVIII.

²⁸ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. “Notas Literárias”, *op.cit.*, p. XXV.

²⁹ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 379-382.

³⁰ RIBEIRO. “Crônica Literária”, *op.cit.*, p. XXIII.

³¹ CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 379.

o pressuposto de que as lutas civis e religiosas aguçariam o ódio dos homens, tornando-os mais ferozes, desumanos e sanguinários; e também argumenta que, a despeito dos nobres sentimentos, a forma encontrada por Prestes para impor a disciplina teria sido a dos crimes, tendo em vista a sua indisciplina para com o poder constituído.³² Ambas as colocações de Humberto de Campos tem o efeito de fazer com que o crítico aceite, a despeito da dúvida inicial, a possibilidade dos fatos contados serem verdadeiros.

João Ribeiro toma a direção oposta. Apesar de elogiar o estilo, considera João de Minas um “legalista abusivo e extremado”³³ e recusa-se a apreciar o livro pelo âmbito político. Ao tratar do teor de verdade do livro, diz que

o livro é falso e falsíssimo, nas suas informações. Ninguém acredita nas façanhas bárbaras atribuídas a Prestes, Siqueira Campos e outros rebeldes que não juntavam rebeldias inúteis e crudelíssimas desumanidades, mais próprias de feras que do coração humano. Esses homens combatidos, perdidos por assim dizer e extraviados da sociedade, eram, enfim, homens capazes de nobres sentimentos, sem o que, eles próprios se entredevorariam.³⁴

Esse argumento, que ressalta a inverossimilhança das narrativas de João de Minas em função do elevado atributo moral dos chefes da Coluna, a despeito do equívoco de seus métodos, é desenvolvido por Plínio Barreto. No seu artigo sobre o livro, ele se dedica a mostrar, arrolando uma série de motivos, porque os eventos narrados por João de Minas não são verdadeiros.

O primeiro deles é justamente o do elevado valor moral dos chefes revolucionários,³⁵ bastante próximo na forma do citado trecho de João Ribeiro. Não se considera partidário da coluna mas, ao reconhecer os seus erros, reconhece também os erros das autoridades da época, que teriam dado motivos para a rebelião e usado-a como pretexto para perseguições políticas. Prosseguido com as atenuações, reconhece como exageradas os crimes imputados tanto aos soldados legalistas quanto aos revolucionários.

³² CAMPOS. “Um Bárbaro”, *op.cit.*, p. 379.

³³ RIBEIRO. “Crônica Literária”, *op.cit.*, p. XXIV.

³⁴ RIBEIRO. “Crônica Literária”, *op.cit.*, p. XXIV-XXV.

³⁵ BARRETO, Plínio. “Livros Novos”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01/06/1929, p. 3.

Em seguida, o argumento se dirige a contestar a legitimidade das narrativas num duplo movimento. Primeiro, diferentemente de João Ribeiro, não acha que João de Minas fantasiou os eventos narrados, mas que a fantasia seria obra dos seus informantes. Contesta, assim, o fato de João de Minas ser testemunha ocular dos eventos e o fato de que suas fontes sejam dignas de confiança. O segundo momento se dá ao mostrar que João de Minas “é um partidário apaixonado. O seu legalismo tem qualquer coisa de fanático e de cruel”,³⁶ semelhante aos fanáticos de Santa Dica descritos pelo próprio João de Minas. Nota-se que Plínio Barreto havia dito, quando tratava da coluna, que “a minha visão desses acontecimentos é puramente objetiva. Não a perturba a mínima dose de subjetivismo”.³⁷ Assim, com Plínio Barreto temos a visão em negativo das posições favoráveis a João de Minas.

Plínio Barreto também cita uma provocação a ele dirigida por João de Minas: por que os revolucionários não refutavam suas narrativas? Como resposta, Plínio Barreto supõe “que o silêncio dos revolucionários virá, naturalmente, da ignorância em que se acha da acusação”,³⁸ e incita-os à resposta formal. Infelizmente ainda não localizamos, se é que existem, nenhuma dessas respostas esperadas pelo crítico de *O Estado de São Paulo*.

Todavia, localizamos duas opiniões dos revolucionários acerca do livro, se bem que indiretas, oriundas de entrevistas com os mesmos. Ambas, obviamente, consideram falsas no seu conteúdo as narrativas de João de Minas sobre a Coluna. A primeira opinião, colhida no final dos anos 1980 por Aderbal Freire Filho, é a de Luís Carlos Prestes. Quando perguntado sobre o livro *Jantando um Defunto*, Prestes

docemente, sorriu com a lembrança dos contos sobre suas supostas atrocidades, confessou que leu muitos deles durante a própria marcha, e que tanta invenção e cabeça tão fantasiosa só provocavam nele uma reação divertida, que ele resumiu tantos anos depois com uma expressão: ‘*era um louco com muita imaginação e muito engraçado*’.³⁹ (grifo do autor)

³⁶ BARRETO, “Livros Novos”, *op.cit.*, p. 3

³⁷ BARRETO, “Livros Novos”, *op.cit.*, p. 3

³⁸ BARRETO, “Livros Novos”, *op.cit.*, p. 3

³⁹ FREIRE FILHO, Aderbal. “Quem é Esse Cara?” In: MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 218-219.

A segunda, num tom diferente, é a atribuída a Siqueira Campos por Júlio de Mesquita Filho. No seu livro de 1954 onde discute a obra de João Alberto, “*Memórias de um Revolucionário*”, num trecho onde esse autor é criticado por não dar o devido valor aos feitos de Siqueira e Prestes, Mesquita Filho narra o seguinte episódio:

Acabava eu de conceder à minha tropa algumas horas de repouso, quando topei com um grupo de praças que traziam, pelos braços, um prisioneiro. O homem estava literalmente arrasado. Com a fisionomia completamente desfeita, ele se me afigurava a própria imagem do terror. Às primeiras palavras da minha gente, compreendi: por estranha coincidência, ali estava um dos maiores detratores da coluna, autor de um panfleto que circulou aos milhares pelo país, espalhado pela polícia federal. Intitulava-se essa sujeira em letra de forma: ‘Jantando um Defunto’. Éramos todos apresentados com as cores mais negras. Prestes e eu como dois refinados patifes, vergados ao peso de não sei que crimes hediondos e a gotejar o sangue de um número inimaginável de inocentes. Tive ímpetos de entregá-lo à sanha de meus homens, que a essa altura nos haviam cercado sugerindo o fuzilamento imediato do canalha. Mas contive-me, ordenando-lhes que entrassem imediatamente em forma e, a dois deles, que o conduzissem, ou melhor, o arrastassem, tal o estado em que se achava, para uma casa vizinha, onde se agarrou a meus pés, procurando beijar-me as botas. Dava-me engulhos tamanha pusilamidade. E resolvi mandá-lo embora. Ordenei então que trouxessem um cavalo, pu-lo em cima e despachei-o pela estrada afora. O animal mal se mantinha na sela. Mas se foi. Apenas havia ele desaparecido na curva da estrada, sob os olhos coruscantes da tropa, lembrei-me de que naquela direção ele ia bater direitinho na retaguarda da coluna que, naquele instante, deveria estar a uns 15 quilômetros de onde nos achávamos, caminhando em direção ao norte. Se fosse apanhado pelos companheiros, não lhe escaparia nem mesmo a alma. Não hesitei. Chamei por dois homens da minha confiança e ordenei que partissem a galope atrás do safardana e que o escoltassem até fazê-lo transpor a zona perigosa. Tem aí você. Dizem-me que ainda vive o salário. Procure saber onde está e interrogue-o. Verá então se lhe estou a dizer a verdade ou não.’ (...)⁴⁰

⁴⁰ MESQUITA FILHO, Julio. “*Memórias de um Revolucionário*”: Notas para um ensaio de Sociologia Política. São Paulo: Anhembi, 1954, pp. 16-17.

Pelas informações dadas, esta entrevista teria ocorrido provavelmente entre julho de 1927 e março de 1929, pois o texto de referência é a crônica e não ao livro *Jantando um Defunto*. Não sabemos se verdade ou não o que foi contado nas duas entrevistas, em especial nesta última⁴¹. Para tal, é preciso saber se João de Minas escreveu as crônicas do livro em algum jornal regional como o uberabense *Lavoura e Comércio*, possibilitando a leitura pelos revolucionários, e só posteriormente as publicou no jornal *O Paiz*. Caso contrário, ambos os trechos acima pareceriam inverossímeis, pois tendo João de Minas iniciado sua publicação no Rio de Janeiro em julho de 1927, portanto após o término da marcha da Coluna, seria impossível que ambos tenham lido as crônicas durante o seu percurso. Pesquisas posteriores poderão elucidar a questão.

Contudo, os debates sobre uma revolução brasileira estavam na ordem do dia quando o livro de João de Minas foi lançado, mesmo após a dissolução da Coluna, cujos feitos contribuíram muito para apimentar a questão. Durante a década de 1920 se intensificaram os ataques, no plano ideológico e prático, à ordem oligárquica perrepista à qual João de Minas aderira. Nesse período foram produzidos textos de autores, como *Retrato do Brasil* de Paulo Prado (1928), que propõem uma solução “revolucionária” para o problema político da Nação. Nesse sentido, é provável que João de Minas e os críticos que lhe são simpáticos estejam debatendo não só com a Coluna, mas também com essa corrente pró-revolucionária que visava derrubar a ordem política vigente, a qual apoiará e participará, junto com uma ala dos tenentes, do movimento de outubro de 1930. Talvez a ferina voz proferida contra a Coluna evidencie um olhar marcado

⁴¹ Há uma referência escrita do João de Minas a esse texto, provavelmente uma resposta ao trecho citado de Julio Mesquita Filho: “30º PENSAMENTO DA CIENCIA DIVINA. Os covardes, acostumados praticamente a apanhar no duro, se refinam em tremeliques de moral valentona. Exemplo: Júlio de Mesquita filho, o dono d’O Estado de São Paulo, escreveu umas infâmias contra o deputado e nobilissimo general Euclides de Figueiredo. Este foi na redação, e encheu o pó de arroz de Julinho de bofetadas. Deu nele minuciosamente! *Todavia, eu é que sou girau de pancadas, na opinião de Julinho, no seu livro sobre a Revolução de Outubro*. João de Minas, autor do livro ‘Jantando um Defunto’, antes publicado no grande diário carioca ‘O Paiz’, fundado por Quintino Bocaiuva.” (grifo nosso). MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1957, p. 66

pela sensação de que a ordem do mundo se encontrasse cada vez mais ameaçada por forças que podiam fazê-la ruir a qualquer momento.⁴²

Conclusões: Estilo e Nação em Questão

Esperamos, com as considerações acima, ter captado os principais temas que os críticos abordaram ao ler a obra *Jantando um Defunto*: uma concepção de brasilidade arraigada principalmente nas paisagens dos sertões do país e nos costumes de seus habitantes; uma linguagem livre e “colorida” oriunda destes espaços, considerada adequada à sua representação; e uma ordem política defendida com unhas e dentes por João de Minas – concordassem ou não os críticos com o autor. Procuramos também fazer referências aos respectivos debates mais amplos dos quais esses temas faziam parte na época: a busca por uma essência da brasilidade, a busca por uma linguagem artística que expressasse adequadamente essa brasilidade, e a ordem política que melhor propiciasse um bom governo ao país – ordem almejada ou já existente. Assim, estava em pauta o tema do nacionalismo, e os temas dos debates acima estudados sendo considerados como dimensões dele: a “essencial”, a estética e a política.

A forma acirrada com que eram debatidas todas essas dimensões tendia a dar a todas elas um caráter político bastante acentuado. As considerações estéticas sobre as obras literárias eram atributo por excelência dos críticos de jornal: eles eram um importante foro de legitimação perante os leitores. Nessas considerações estava presente uma concepção de nação que, por sua vez, requeria um projeto político implícito ou explícito, qualquer que fosse, que a expressasse. Mais concretamente, vimos como o estilo de João de Minas é vinculado a uma noção de brasilidade e ao mesmo tempo à defesa de uma ordem política.

⁴² Sevcenko nos informa acerca do clima de finais dos anos 20: “O tom era tão claro e preocupantemente jacobino, evocando as campanhas xenófobas de desestabilização política do início crítico do período republicano, nesse momento delicado em que já se percebia o abalo estrutural da economia cafeeira, que as autoridades oficiais contra-atacaram, mobilizando-se os escritores ligados aos quadros e jornais do PRP para uma autêntica batalha de manifestos (...) Nesse final da década, os tempos se tornaram convulsos e as mentes se turvaram. O acirramento das militâncias queria ver em cada criatura um soldado, numa guerra que só admitia dois lados, o certo e o errado, o justo e o opressivo, o bem e o mal. As metáforas militares se tornaram cumulativas, dominantes, sufocantes. Por toda parte se fala e se repete, exaustivas vezes, em frente única, combate, vitória e líder.” SEVCENKO. *Orfeu Extático na Metrópole*, *op.cit.*, p. 299-300.

Nota-se como os críticos associaram, na obra *Jantando um Defunto*, uma renovação estética (considerada repleta de rupturas que expressariam uma nacionalidade descoberta) a um conservadorismo político que visava manter a ordem institucional intacta, o que não significava ausência de debates para sua melhoria. Logo, para os críticos do livro de João de Minas em 1929 e início de 1930, em nome da brasilidade, renovação artística não implicava renovação político-institucional; implicava o seu contrário.

Artigos Analisados

- BARRETO, Plínio. Livros Novos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01/06/1929, p. 3
- CAMPOS, Humberto. Um Bárbaro. *Crítica (Primeira Série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1945, pp. 365-382. Extraído de *O Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) de 1929
- FERNANDES, Carlos Dias. Autores e Livros. In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, pp. XXVII-XXIX. Extraído de *O Paiz* de 03/05/1929
- FONTOURA, Lauro. “Jantando um Defunto”: O rio das Agonias. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30/05/1929, p. 2
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Notas Literárias. In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, pp. XXV-XXVII. Extraído do *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro) de 23/06/1929
- MIRANDA, Veiga. Duas Galerias de Assombros: Carta de Veiga Miranda a João de Minas. *Correio Paulistano*, São paulo, 13/08/1930, p. 2
- NETO, Coelho. Carta a João de Minas. In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, pp. XXIX. Carta de 17/05/1929.
- PICCHIA, Menotti del. Sobre um livro de João de Minas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 22/10/1929, p.1
- RIBEIRO, João. Cronica Literária In: Minas, João de. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930, pp. XXIII-XXV. Extraído do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) de 1929

Bibliografia

- ALMEDA, Leandro Antonio de. Sangue de Ilusões de João de Minas: Um livro esquecido de um autor obscuro. *Revista da ASBRAP*, nº 12, 2006, pp. 47-54
- CAMPOS, Humberto. O Sr. Coelho Neto e o Seu Estilo. *Crítica (Primeira Série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1945, pp. 285-300.
- COUTINHO, Afrânio (org.). *Caminhos do Pensamento Crítico* Rio de Janeiro: Palas, 1980, v. 2
- EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade: Uma análise da Academia Brasileira de Letras nos Primeiros Anos da República (1897-1924)*. Mestrado em Antropologia Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1997
- FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1945)*. São Paulo: UNESP, 2002
- FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é Esse Cara? In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 211-266
- LAFETÁ, João Luis Machado. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix / Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, v. 6 (1915-1933)
- _____. *A Crítica Literária no Brasil* 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 1
- MESQUITA FILHO, Julio. “*Memórias de um Revolucionário*”: Notas para um ensaio de Sociologia Política. São Paulo: Anhembi, 1954
- MINAS, João de. *Jantando um Defunto*. Rio de Janeiro: Alpha, 1929
- _____. *Farras com o Demônio* Rio de Janeiro: Orozio, 1930
- _____. *A Vida Começa na Ciência Divina*. São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1957
- _____. Carta Aberta a Menotti Del Picchia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 29/10/1929, p. 2.
- _____. A Velha Arte Nova. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 07/10/1928, p. 1 e 6
- MORAIS, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista: Sua dimensão Filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978

- _____. Modernismo Revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238
- JOHNSON, Randal. A Dinâmica do Campo Literário Brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, nº 26, Jun/Ago, 1995, pp. 164-181
- PECAULT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990
- SEIXAS SOBRINHO, J. Sessenta anos depois tarefeiro da imprensa chega ao estrelato. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 2, sexta 04/01/1991, p. 8-9
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992